

O ensino de língua inglesa para crianças: experiências no âmbito do PIBID¹

The teaching of English for children: experiences from PIBID

Anna Clara de Oliveira Carling

Aluna do curso de Licenciatura em Letras (Português e Inglês) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Sinop.

E-mail: annaclara_carling@hotmail.com

Riscieli Dallagnol

Aluna do curso de Licenciatura em Letras (Português e Inglês) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – Sinop.

E-mail: riscieli2017@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo relacionar o estudo teórico de ensino de língua inglesa para crianças com procedimentos práticos de ensino a esse público alvo. Para tanto, desenvolveu-se um projeto de ensino de língua inglesa com crianças de uma escola pública do município de Sinop – MT. O projeto foi desenvolvido em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programa esse que tem por objetivo incentivar o ingresso do aluno de graduação ao âmbito escolar, para que, nesse espaço, o acadêmico empregue os conhecimentos adquiridos na universidade. O trabalho desenvolveu-se a partir de desenvolvimento de aulas de língua inglesa para turmas de 4º e 5º anos de uma escola pública do município de Sinop - MT, tendo em vista, principalmente, o desenvolvimento da oralidade. O ensino por meio de aulas dinâmicas resultou em uma participação expressiva nas aulas por parte dos alunos, que manifestaram grande aprendizado ao longo das aulas. Com a aplicação do projeto, percebeu-se a importância de se trabalhar com a promoção da ludicidade, visto que o ensino para crianças necessita ser pensado no sentido de promover o interesse do aluno pelo objeto de estudo.

Palavras-chave: Língua inglesa para crianças. PIBID. Ludicidade no ensino.

Abstract: This work aims at relating the theoretical study of English language teaching to children with practical teaching procedures to this target audience. For this, an English-language teaching project was developed with children from a public school in the city of Sinop - MT. The project was developed in partnership with the Institutional Scholarship Program for Initiation to Teaching (PIBID), program that has the objective of encouraging the admission of the undergraduate student to the school, so that, in this space, the academic uses the knowledge acquired in the university. The work was developed from the teaching of English language classes to the 4th and 5th grade classes of a public school in the municipality of Sinop - MT, aiming mainly at the development of oral skills. The teaching through dynamic classes resulted in an expressive participation in the classes by the students, who showed great learning throughout the classes. With the application of the project, it was noticed the importance of working with the promotion of playfulness, since the teaching for children needs to be thought in order to promote the student's interest in the object of study.

Keywords: English-language for children. PIBID. Playfulness in teaching.

¹ Professora orientadora: Leandra Ines Seganfredo Santos.

1 Introdução

O ensino de língua estrangeira (LE) em um mundo globalizado se torna imprescindível, principalmente levando-se em conta os estrangeirismos e as palavras de outra língua adotadas pela população brasileira, seja no meio econômico, tecnológico ou social. Tendo a dimensão da universalidade da língua inglesa e a importância de seu aprendizado, será tratado neste artigo o ensino de língua inglesa tendo a criança como público alvo. O estudo parte de um subprojeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - *campus Sinop*.

Alguns estudos indicam que a melhor fase para se aprender outra língua é durante a infância, que abarca desde o nascimento até os 12 anos de idade. A infância é o período de explorações, e trazer algo novo, como uma nova língua, ajudará no desenvolvimento cognitivo, cultural e social da criança. Questões como exclusão social devem perpassar a discussão em torno da aprendizagem de uma língua estrangeira durante a infância, uma vez que muitas crianças vivem em condições sociais menos favorecidas e que, por isso, dificilmente têm oportunidades de aprender uma LE, o que resulta em prejuízos no que diz respeito ao seu desenvolvimento pessoal. Nessa perspectiva, Schweikart e Santos (2014) afirmam que o conhecimento da língua inglesa para as crianças as auxilia no processo de construção identitária, bem como na sua integração com outras pessoas, desfazendo da ideia de promoção desse ensino para fins empregatícios, visto que a infância é uma fase distante da fase de iniciação ao mercado de trabalho.

Para um aprendizado efetivo de uma LE, é necessário ter atenção à formação do professor. De acordo com Rocha (2007), é imprescindível pensar em planejamentos, recursos e materiais adequados e em formação de professores para que o ensino de LE tenha sucesso.

A primeira parte deste trabalho será destinada a um breve histórico da implantação do ensino de língua inglesa no Brasil e às questões de ensino de LE para crianças, posteriormente sendo abordada a formação de professores de língua estrangeira para crianças (LEC) e, por último, os resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto implementado pelas bolsistas do PIBID, que tem por objetivo a oferta do ensino de língua inglesa a crianças, bem como o aprendizado das bolsistas no que se refere à profissão docente.

2 Breve histórico do ensino de língua inglesa no Brasil

A implantação do ensino de inglês no Brasil está atrelada a questões relativas ao mercado de trabalho, uma vez que tal ensino visava habilitar os profissionais brasileiros para a demanda do mercado de trabalho da época e responder às necessidades de desenvolvimento do país, alavancadas pelas relações comerciais com nações estrangeiras, principalmente com a Inglaterra.

No Brasil, o ensino do inglês se desenvolveu muito na década de 1930, devido aos conflitos políticos mundiais que acabaram por gerar a Segunda Guerra Mundial.

Nessa mesma época, o ensino de língua estrangeira passou por modificações, as quais tornaram a metodologia mais usual, com ênfase no aprendizado por meio da própria língua estrangeira, deslocando, assim, o ensino que era voltado somente para a leitura e tradução.

Percebe-se, então, que a falta de documentos norteadores das abordagens metodológicas indica que o ensino de língua inglesa era considerado secundário. Com o tempo e as grandes mudanças provocadas pela globalização, percebeu-se que as línguas estrangeiras deveriam ser objeto de estudo nas escolas, aumentando, assim, a discussão desse ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) surgiram em 1997 como documentos para subsidiar o ensino sendo fonte de apoio para a escola e definindo propósitos a serem considerados pelos profissionais da educação. Os PCNs apresentam diretrizes a respeito do ensino de língua estrangeira para o terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, ciclos que compreendiam da 5ª a 8ª séries e que hoje compreendem do 4º ao 9º ano, que podem contribuir diretamente para o planejamento didático-pedagógico das aulas para o público em foco.

3 Ensino de LE para crianças

De acordo com alguns teóricos, a melhor fase para se aprender outra língua é durante a infância. Segundo Santos e Schoenherr (2009, p. 7),

quando aprendemos uma segunda língua, é necessário exercitar determinados músculos de nosso aparelho fonador, que talvez, nunca tivéssemos movimentado no exercício da nossa língua materna, pois nosso aparelho fonador é automatizado aos sons da língua que crescemos falando. Aprender um segundo idioma, requer que estejamos habilitados a articular sons diferentes daqueles que não são comuns para nós desde a nossa infância.

O aparelho fonador está em período de formação nessa fase, o que faz com que os fones da língua inglesa consigam ser pronunciados com grande aproximação da pronúncia dos falantes nativos dessa língua. De acordo com Leventhal, Casella e Dias (2006, p. 31), “é mais fácil aprender uma segunda língua na infância. A maioria dos adultos nunca chega a dominar uma língua estrangeira, sobretudo sua fonologia, o que gera o inevitável sotaque”.

Além disso, proceder com os pressupostos de a infância ser o período de descobertas abre um leque de possibilidades de trabalho, em decorrência de a novidade ser interessante aos olhos da criança. Logo, trazer algo novo, como uma nova língua, provavelmente não só fará com que a criança desperte seu interesse pela outra língua como também ajudará em seu desenvolvimento cognitivo, cultural e social. Rocha (2007), baseando-se em Moon (2000), Cameron (2001) e Phillips (2003), pontua que o ensino deve reforçar o desenvolvimento intelectual, físico, sócio cultural e emocional do aluno.

O aprendiz, quando em contato com uma língua estrangeira, desenvolve não só as funções linguísticas, mas tem contato com outras culturas e outras realidades, o que

o ajuda na construção de conhecimento de mundo. Confirmando essa ideia, os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que

o distanciamento proporcionado pelo envolvimento do aluno no uso de uma língua diferente o ajuda a aumentar sua autopercepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, pela aprendizagem de uma língua estrangeira, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social. (BRASIL, 1998, p. 19).

Sendo assim, percebe-se a importância do ensino da língua estrangeira para o desenvolvimento de habilidades e competências que transcendem o contexto escolar, uma vez que proporciona o desenvolvimento da cidadania.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1988) traz como competências a serem desenvolvidas:

- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

Essas orientações, embora não refiram-se necessariamente ao ensino de língua estrangeira, devem ser observadas atentamente, pois dizem respeito às necessidades que deverão ser trabalhadas, também, na aprendizagem de língua estrangeira.

4 Formação de Professores de LEC

De acordo com os índices de educação no que diz respeito à língua inglesa, existe uma defasagem em relação ao rendimento relativo à aprendizagem. Um dos motivos mais aparentes é que o conhecimento prévio do professor de LE não é tão abrangente quanto deveria, realidade essa que faz com que os alunos percam em aprendizado durante sua formação.

De acordo com Dutra e Melo (2004), a formação de um professor deve acontecer para além da graduação, devendo ser um processo de formação contínua. Além disso, os conteúdos trabalhados em sala, geralmente, não passam de gramática descontextualizada, o que dificilmente desperta a curiosidade dos alunos, fazendo com que não tenham interesse pela nova língua e, conseqüentemente, não ocorra o aprendizado de maneira significativa. Barboza (2009) afirma que o professor de língua inglesa não deve se empenhar apenas no que concerne à natureza gramatical, devendo tornar o conteúdo um estudo de significância ao aluno.

Essa realidade deve ser trabalhada desde os primeiros anos, época em que o aluno precisa de uma orientação mais aproximada para desenvolver gostos pelos novos conteúdos. O professor de LEC precisa estar atento, como nos diz Santos (2010), ao tempo que cada criança precisa para aprender, visto que cada uma se encontra em um nível de maturidade diferente. Além disso, é importante “se atentar para a abordagem utilizada, as atividades ofertadas” para que o aluno consiga acompanhar o ritmo da aprendizagem (SANTOS, 2010, p. 54).

O contexto em que o aluno se encontra também é pertinente que seja analisado, pois ele deve encontrar sentido nos conhecimentos que deve adquirir. Leventhal, Zajdenweg e Dias (2007) pontuam que é importante buscar o interesse dos alunos exercitando a comunicação e as estruturas gramaticais em língua inglesa de maneira lúdica e divertida, para que haja motivação do aluno a partir do prazer no aprendizado. Entende-se que as competências que o professor de LEC deve possuir são essenciais para todo o processo de ensino-aprendizagem e devem ser continuamente desenvolvidas por meio de formação continuada.

Nesse sentido, o PIBID surge como possibilitador do intercâmbio entre universidade e escola, inserindo o graduando no âmbito escolar para possibilitar o aprendizado sobre a profissão docente. De acordo com Nóvoa (2009, p. 22), é necessária a existência de “investimento na construção de redes de trabalho coletivo que sejam o suporte de práticas de formação baseadas na partilha e no diálogo profissional”, ou seja, há uma grande importância em relação à troca de experiências entre os profissionais da educação. Conforme Cristóvão e Gamero (2009), a busca pelo conhecimento deve ser constante, o professor deve manter intercâmbios com outros profissionais do âmbito educacional, além de praticar amplas observações e planejamentos para que a prática educacional com a criança surta efeitos positivos.

5 Metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho, foram planejadas aulas de língua inglesa divididas em temas, sendo estes o alfabeto, os números cardinais, as cores, os animais, as partes do corpo humano, os objetos de sala de aula e as principais saudações do cotidiano. Cada tema foi apresentado em uma aula com duração de uma hora. As aulas foram destinadas a alunos de 4º e 5º anos, sendo aplicadas nas quartas-feiras do período matutino de uma escola municipal de MT. As turmas contavam com, aproximadamente, 25 alunos em cada sala, com idade entre 9 e 12 anos.

As aulas foram todas planejadas com a utilização de multimídias, por ser um meio eficiente de manter a atenção e o foco do aluno nas atividades e um mecanismo que modifica a rotina escolar. Santos (2010) defende a utilização das tecnologias digitais e da comunicação por estarem amplamente presentes na vida das crianças. Além disso, as aulas contaram com apresentações de músicas, vídeos, jogos, gincanas e brincadeiras, visando a ludicidade e o interesse do aluno pelas atividades. De acordo com Rocha (2015, p. 18), “através da ludicidade, os alunos são capazes de explorar sua criatividade, melhorando sua conduta no processo ensino aprendizagem e sua autoestima”.

Como exemplo das atividades executadas, tem-se uma gincana. Para o desenvolvimento da gincana, a sala foi dividida em dois grandes grupos e os alunos escolhiam representantes, sendo estes substituídos pelos outros membros da equipe a cada rodada, para que tivessem os olhos vendados, recebessem objetos de sala de aula nas mãos, tateassem o objeto e descobrissem seu nome em inglês. Só tinha direito à pontuação o representante da equipe que pronunciasse, da maneira mais aproximada da língua inglesa, o nome do objeto em questão. Essa experiência mostrou como a mudança da rotina ajuda no aprendizado do aluno, pois muitos estudantes que, geralmente, não se engajavam nas atividades se mostraram empolgados em participar da proposta citada.

Além disso, uma outra experiência que trouxe bons resultados foram atividades de música e dança, nas quais os alunos aprendiam músicas em inglês e coreografias, dentro dos temas desenvolvidos nas aulas. Observou-se que, apesar da vergonha, a grande maioria dos alunos participou das brincadeiras. É importante que o professor pense em estratégias para que a aprendizagem de línguas se dê efetivamente, pois a utilização de técnicas que chamem a atenção do aluno é fundamental.

Pensar o ensino de maneira pragmática e lúdica é substancial quando se fala no ensino para crianças. Manter a atenção dos alunos é uma tarefa que requer esforço, posto que a fase da infância é uma fase em que a dispersão é recorrente.

6 Resultados e discussões

Com a aplicação do projeto, percebeu-se uma participação significativa dos alunos nas atividades desenvolvidas, o que ocorreu, principalmente, devido à diferenciação da rotina escolar, visto que, nas aulas tradicionais, a participação dos alunos não é abrangente, de acordo com outras experiências.

Cada sala, com sua particularidade, possuía seu ritmo de aprendizado, e, após isso ser percebido pelas bolsistas, o desenvolvimento do trabalho se deu de maneira a reduzir as dificuldades percebidas em cada turma. As atividades eram as mesmas, porém a maneira com que eram trabalhadas se diferenciava de turma para turma, justamente pelas especificidades notadas.

A primeira turma, que foi submetida à intervenção, turma de um 5º ano, se mostrou um pouco receosa nas primeiras aulas pela presença de pessoas novas em sala, além da novidade do conteúdo e da forma de explanação dessas atividades. No entanto, no decorrer das atividades, os alunos passaram a entender os objetivos da aprendizagem lúdica e, assim, participaram de maneira expressiva das mesmas. A segunda turma, 4º ano, apresentou bastante aceitação à maneira de ensino das bolsistas, envolvendo-se com as práticas pensadas para as aulas, principalmente quando se tratava de brincadeiras, gincanas, jogos e músicas. A respeito disso, Chaguri e Tonelli (2014, p. 182) postulam que

o processo de aquisição de conhecimento de uma LE por meio de jogos proporciona ao professor uma possibilidade de dinamizar o ensino do idioma em estudo pela criança. Os jogos ajudam a criar um entusiasmo sobre o conteúdo a ser trabalhado a fim de considerar os interesses e as motivações dos

educandos em expressar-se, agir e interagir nas atividades lúdicas realizadas na sala de aula.

Já na terceira sala, que apresentava dificuldades relativas ao aprendizado e problemas em relação à disciplina, as práticas surtiram efeito, visto que, nas avaliações que aconteciam diariamente, o aprendizado foi significativo, a participação nas aulas deu-se expressivamente, principalmente nas gincanas que aguçavam o espírito esportivo dos alunos e que os faziam dedicar-se mais às atividades para alcançar a vitória nas competições.

Além disso, o aprendizado das bolsistas foi muito significativo, pelo fato de terem participado de todo o processo do fazer educacional, desde pesquisa bibliográfica, elaboração dos planos de aula, confecção das atividades e jogos utilizados em sala, escolha de vídeos e músicas que ilustrassem o aprendizado da aula, até a aplicação de todos os processos aos alunos.

7 Considerações finais

Tem-se que o aprendizado de língua inglesa é substancial para o desenvolvimento pessoal tanto em questão profissional quanto sócio cultural e, pensando sobre o direito de acesso a esse ensino pelas pessoas, observou-se, na criança como público alvo, uma boa forma de ofertar esse ensino. Quanto à aprendizagem das bolsistas participantes da pesquisa, observou-se a possibilidade de aprendizagem acerca do fazer pedagógico e a oportunidade de aprender sobre a profissão docente, desde o início do processo pedagógico até a aplicação e observação dos resultados das efetividades em sala.

Com a aplicação do projeto de língua inglesa para crianças, percebeu-se que o processo de ensino-aprendizagem necessita de atenção, pois, a partir do planejamento e da aplicação de uma aula dinâmica, pragmática, promotora da ludicidade, percebeu-se a vasta interação e participação dos alunos nas atividades propostas. Por isso, defende-se que o professor deve ser um promotor da integração do conhecimento a partir de atividades que dizem respeito ao contexto do aluno e que causem no mesmo interesse pelo objeto de estudo.

Referências

BARBOZA, Catia Aparecida Vieira. "A linguística aplicada e o professor de língua inglesa: novas formas de pensar a prática pedagógica". *Semioses*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 19-25, ago. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 19 set. 2017.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acesso em: 18 set. 2017.

CHAGURI, Jonathas de Paula; TONELLI, Juliana Reichert Assunção. “O jogo nas aulas de língua estrangeira para crianças”. *Fólio – Revista de letras*, Vitória da Conquista, v. 6 n. 2, p. 167-187, jul./dez. 2014.

CRISTOVÃO, Vera Lucia Lopes; GAMERO, Raquel. “Brincar aprendendo ou aprender brincando? O inglês na infância”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 48 n. 2, p. 229-245, jul./dez. 2009.

DUTRA, Deise Prina; MELLO, Heliana. “A prática reflexiva na formação inicial e continuada de professores de língua inglesa”. In: VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena (Org.). *Prática de ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões*. Campinas: Pontes/Arte Língua, p. 31-43, 2004.

LEVENTHAL, Lilian Itzicovitch; ZAJDENWERG, Ruth Bron; DIAS, Tatiana Silvério Santos. *Inglês é 11! : para professores de fundamental 1: (1 ao 5 ano)*. Barueri, São Paulo: Disal, 2007.

LEVENTHAL, Lilian Itzicovitch. Colaboradoras: CASELLA, Daniela. Goldfeder, Haydée. DIAS, Tatiana Silvério Santos. *Inglês é 10! : o ensino de inglês na educação infantil*. São Paulo: Disal, 2006.

NÓVOA, Antonio. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. “O ensino de Línguas para Crianças no Contexto Educacional Brasileiro: Breves Reflexões e Possíveis Provisões”. *DELTA*, PUC São Paulo, v. 23, n. 2, p. 273-319, 2007.

ROCHA, Francisco Rosa da. “A ludicidade como método de ensino na língua inglesa”. *Igapó*, Amazonas, v. 9, n. 2, p. 15-26, dez. 2015.

SANTOS, Leandra Inês Seganfredo. “Formação docente e prática pedagógica: o professor e o aluno de língua estrangeira em foco”. *Calidoscópio*, São Leopoldo, RS, v. 8, n. 1, p. 49-64, jan./abr. 2010.

SANTOS, Rosana de Oliveira Prado dos; SCHOENHERR, Otília Aparecida Tupan. “Ensino da língua inglesa: pronúncia e ortografia na sala de aula”. *Anais do Encontro de Iniciação Científica – ENIC*. Dourados, v. 1. n. 1, p. 1-20, 2009.

SCHWEIKART, Juliana Freitag; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. "Oficinas de língua inglesa para crianças: aprendendo com as tecnologias digitais". *Fólio – Revista de letras*, Vitória da Conquista, BA, v. 6 n. 2, p. 223-251, jul./dez. 2014.